



UMA PAISAGEM DO NORTE

Os paizes septentrionaes tem pittorescas paisagens, e os viajantes são concordes em asseverar que a natureza na Finlândia tem sua criação phantastica, e grandiosa. Nas regiões dinamarquezas, suecas, filandezas, e russas, ha torrentes devastadoras, limpidos lagos, florestas tenebrosas, apar de formosas paisagens. A vista que apresentamos hoje pode dar idéa d'esta proposição.

Breve noticia da familia real de Hohenzollern.

A dynastia d'Hohenzollern, que data do começo do imperio germanico, traz sua origem

de Thassilo, bisneto d'Elchico I, duque d'Alemanha, e que pelos annos de 800 fundou o solar d'esta casa, que ainda se vê no cimo do monte Hohenzollern, ou *elevado Zollern*, d'onde elle tomou o appellido, montanha que, pagando bem o trabalho de a subir, pelo formoso painel que mostra do alto, d'onde se descobrem serras, valles, bosques, dilatadas campinas, e vistosos povoados, avistando-se tambem d'ali a França, Bade, Wurtemberg, e a Suissa, nos extremos do horisonte, tem junto á sua raiz a pequena mas alegre povoação de Hechingen, antiga residencia dos soberanos representantes do primeiro ramo d'aquella illustre familia, ultimamente enlaçado com uma virtuosa e esclarecida princeza que ali jaz, mas

VOL. II. — 4.^a SERIE.

MAIO, 29, 1858.

que ainda vive na lembrança do povo com o doce nome de *mãe dos pobres*. (*)

Entre os descendentes de Thassilo, distinguiram-se particularmente seu filho Tankmar, casado com Margarida de Cilly, Othão e Ottilia, que floresceram pelos annos de 938; Frederico I, e Ursula de Hohenberg, que viviam no anno de 1000; Frederico III, parente proximo e amigo intimo do imperador d'Alemanha Henrique V, cujo reinado, que começou com o seculo decimo segundo, não foi menos fecundo que o de Henrique IV, seu pae, em acontecimentos relativos ao direito publico da Alemanha; Rodolpho II, filho de Frederico III, nascido em 1111, casado com Ignez de Gundelfingen, pelos serviços que fez a seu tio o famoso Rodolpho d'Habsbourg, tronco da casa d'Austria, concorrendo para que elle fosse eleito imperador d'Alemanha, obteve para si e para a sua prole o burgraviado, ou condado soberano da cidade de Nuremberg, que os seus antepassados tinham tido por graça dos imperadores durante quasi oitenta annos, dando-se-lhe juntamente o restante dos direitos senhoriaes dos duques de Franconia com o titulo de principe do Sacro Imperio Romano. Dividindo-se por morte d'este principe, a sua familia em duas linhas, a de Suabia de que foi chefe seu filho primogenito Frederico IV, e a de Franconia, que teve por tronco Conrado, seu segundo filho, e que produziu muitos principes, que fizeram grande vulto na Europa, como Frederico VI, a cujo valor e cordura seu tio Sigismundo deveu a corôa imperial d'Alemanha, e o bom successo das suas armas nas guerras dos hussitas e dos húngaros, em premio do que lhe deu successivamente o commando e o margraviado, ou dignidade de conde soberano de Brandenbourg com a preeminencia do titulo de eleitor; Frederico VI, e segundo na serie dos eleitores, o qual no meado do seculo decimo quinto fez grandes conquistas, merecendo todavia que a verdade historica diga d'elle que não se mostrou menos generoso em desistir do que tomara com prejuizo dos direitos alheios, do que havia sido diligente em apossar-se do que legitimamente lhe cabia, recusando depois as corôas de Polonia e Bohemia, que pelos respectivos estados lhe foram espontaneamente offerecidas: Alberto, chamado por uns, o *Achilles*, e por outros, o *Ulysses* da Alemanha, e que foi o primeiro duque de Franconia; João, que pela sua eloquencia foi appellidado o *Cicero Alemão*; Joaquim II, que alcançou para si e para os seus descendentes a investidura do ducado da Prussia, e Frederico Guilherme, fundador do po-

derio militar d'este paiz, foram tão notaveis no periodo que correu de 1471 a 1640, como nos tempos modernos Frederico III, que, pelos serviços que fez ao imperador Leopoldo, teve, debaixo do nome de Frederico I, o titulo de rei da Prussia: o Grande Frederico, que aos titulos de *politico* e de *conquistador*, juntou o que ainda lhe faz mais honra, de legislador: e Frederico III, que, passando por tantas e tamanhas crises, foi saudado com o nome de *pae do seu povo*.

A linha d'Hohenzollern da Suabia, que é a primeira, conta, entre muitos dos seus mais distinctos membros, Eytel Frederico, casado com a margravina Magdalena de Brandenbourg, e primeiro chefe da camara imperial, que presidiu até ao anno de 1496, e Carlos I, seu neto, casado em 1550 com a princeza Anna de Bade, o qual de 1559 a 1575 occupou o cargo, que por morte d'elle foi dado ao duque Guilherme V de Baviera, de presidente do conselho aulico. D'esta linha de Carlos I formaram-se por morte d'elle duas, a de Hohenzollern-Hechingen, de que foi cabeça seu filho mais velho, Eytel Frederico VI, e a de Hohenzollern-Sigmaringen, de que foi tronco Carlos II, seu filho segundo; exercendo cada um d'elles, bem como os seus successores, com o titulo de principes do Sacro Imperio Romano, os direitos soberanos nos seus respectivos dominios, até á epoca em que elles foram incorporados na corôa prussiana em virtude de um pacto successorio, e da convenção feita em 7 de Dezembro de 1849 entre os tres precitados ramos da familia d'Hohenzollern, e pela qual os dois principes, então reinantes na Suabia, renunciaram em seus nomes e nos de seus descendentes aquellas soberanias em favor d'el-rei de Prussia, que por decretos de 20 e 27 de Março de 1850, concedeu áquelles principes o titulo de alteza com todas as prerogativas inherentes aos membros da sua real familia: dando como indemnisação ao principe de Hohenzollern-Hechingen uma renda annual vitalicia de dez mil escudos, e, no caso de ter este principe descendencia do matrimonio contrahido com pessoa da sua cathegoria, uma pensão de cinco mil escudos ao seu herdeiro: obrigando-se o referido soberano a pagar ao principe de Hohenzollern-Sigmaringen uma pensão annual de vinte e cinco mil escudos, que por successão passará ao chefe d'esta familia; conservando bem assim os dois principes renunciantes todas as propriedades que possuíam nos seus antigos estados, como florestas, minas, fabricas, e outros edificios, dizimos, censos e foros, que ficaram com o character de fidei-commissos.

A entrega dos respectivos estados á Prussia teve lugar, por parte do principe d'Hohenzollern-Hechingen, a 8 de Abril de 1850: do principe d'Hohenzollern-Sigmaringen, a 5 do referido mez e anno. Estes dois principes con-

(*) A princeza Eugenia de Leuchtenberg, esposa do principe Frederico Guilherme Constantino, e irmão de Suas Magestades a Imperatriz do Brazil, viuva e duqueza de Bragança, e da rainha da Suecia.

cluíram em 3 de Fevereiro de 1850 uma convenção de família em virtude da qual todas as possessões fidei-commissarias de Hohenzollern-Hechingen, foram desde o 1.º de Maio seguinte cedidas ao príncipe Antonio d'Hohenzollern-Sigmaringen e aos seus herdeiros; fazendo-se a entrega a 10 do dito mez e anno.

A família de Hohenzollern-Hechingen está representada pelo príncipe Frederico Guilherme Constantino, que casou pela primeira vez com sua alteza real a princeza Eugenia de Leuchtenberg, e que pelo fallecimento d'ella, no 1.º de Setembro de 1847, sem deixar descendencia, contrahiou em 13 de Novembro de 1850 uma alliança morganitica com a condessa de Rothenbourg.

A família de Hohenzollern-Sigmaringen, já ha muito ligada pelo vinculo de parentesco com a família real portugueza, compõe-se das pessoas seguintes:

O príncipe Carlos Antonio Joaquim Zeferino Frederico Mainrad, nascido em 7 de Setembro de 1811, e que succedeu ao príncipe Carlos, seu pae, em 11 de Março de 1853, tenente general ao serviço da Prussia, commandante da 14.ª divisão militar, e chefe do vigésimo sexto regimento de infantaria, casado em 21 de Outubro de 1834, com a

Princeza Josephina Frederica Luiza, filha do fallecido grã-duque de Bade, Carlos Luiz Frederico, de quem teve os seguintes filhos:

1.º O príncipe Leopoldo Estevão Carlos Antonio Gustavo Eduardo Thassilo, nascido em 22 de Setembro de 1835; tenente do 1.º regimento de infantaria da guarda real de Prussia.

2.º A princeza Estephania Frederica Guillermina Antonia, nascida em 15 de Julho de 1837, e que em 29 de Abril do corrente anno desposou S. M. El-rei Fidelissimo.

3.º O príncipe Carlos Eytel Frederico Zeferino Luiz, nascido em 20 de Abril de 1839.

4.º O príncipe Antonio Egon Carlos Frederico, nascido em 7 de Outubro de 1841.

5.º O príncipe Frederico Eugenio João, nascido em 25 de Junho de 1843.

6.º A princeza Maria Luiza Alexandrina Carolina, nascida em 17 de Novembro de 1845.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Continuação

IV.

De como o governador, depois de estar provido, avisou a Castella, e pedindo ás camaras que fizessem o mesmo, e resposta que lhe deram, e outras coisas que n'este tempo passaram

cidade, conforme se praticou, se deliberou mandar avisar a sua magestade catholica el-rei D. Philippe, e assim preparou dois avisos, um para a Corunha, e outro para Sevilha. E estando preparados mandou chamar os officiaes da camara da cidade e os obrigou a que escrevessem a sua magestade, offerecendo-se de novo a seu serviço, com suas vidas e fazendas, o que se disse elles fizeram, e do livro do registo deve constar. A camara da Villa da Praia e de S. Sebastião escreveu obrigando-as ao mesmo. O que respondeu a camara da Praia não sei, mas não escreveu a sua magestade: a da villa de S. Sebastião vi eu, que abaixo irá.

Carta do governador para as camaras da Villa da Praia e S. Sebastião

Son tan publicas las nuebas que andan en esta isla, que resuelto a avizar a su magestad dello, e non lo he querido hazer sin comonicalo con las camaras, lo qual he echo con la desta ciudad, e les ha parecido bien, y ansi an resuelto escribir ofereciendose de nuevo con sus vidas y haziendas a su servicio, lo qual estoi cierto que vuestras mercedes tambien haran como tan leales vasalos. Asin que se vuestras mercedes resolvieren en escrever con este aviso dentro de dos dias se parte, e yo quedo esperando la respuesta, y tambien que vuestras mercedes me manden em cosas de su servicio, a que acudiré con mucha voluntad. Guarde nuestro Señor a vuestras mercedes. Castillo San Felipe a 31 de enero de 1641 años. — D. Alvaro de Viveros.

Carta da camara da villa de S. Sebastião para o governador

Não nos consta de certo coisa de que devamos avisar a sua magestade. Se a vossa mercê lhe consta, faça-o, na forma que melhor lhe parecer mais a seu serviço convem, e se tem alguma carta sua, ou ordem que a todos toque, faça que se ajuntem as camaras n'esta villa, como é costume, e tomar-se-ha assumpto do que mais convier, e todos nós estaremos prestes com pessoas e fazendas para servirmos a sua magestade, como fieis vassallos, que sempre o fomos. Feita em Camara, etc.

Mandada esta carta, ficou o castelhano muito enfadado, mas gabou o estylo d'ella, conforme me disse pessoa digna de fé, que presente se achou; porque tendo lido a da camara da Praia diz que disse, lendo esta, os da Praia dizem que não sabem nada, e a voz saiu de lá; melhor estes senhores da villa de S. Sebastião, que não escrevem a sua magestade, e a mim respondem com palavras prehes: *y dicen que son villanos! por mui cordos los tienguo yo; mas todo se pagará a su tiempo, asin a ellos, como a quien los aconseja, que yo sé mui bien.* Logo o castelhano despachou os navios com cartas suas, e dos mais, que com elle se juntaram.

Depois que o castelhano se viu bem provido, e estar senhor dos animos de muitos nobres da

Expedidos os dois avisos, continuou o governador com mais provimento; e como na Praia estava trigo de el-rei mandou Pedro de Laguar, com licença sua, a caravelinha de Gaspar Martins, que era coberta, á Praia, a buscar o trigo, por quanto nos barquinhos vinha de vagar, e elle se queria prover com pressa. E como o capitão maior não desejava coisa mais que ter embarcação capaz de poder ir a Lisboa, para avisar a el-rei nosso senhor D. João IV, que Deus guarde, tomou-a, e por mais instancias que o governador, provedor e feitor fizeram, porque a largasse, nunca o quiz fazer, dizendo que assim como o governador tinha avisado a sua magestade, o queria elle fazer tambem, como tinha de obrigação. Enão foi n'ella, nem eu com elle, como tinhamos praticado, porque não pareceu bem ausentar-se já n'este tempo da terra, e mandou por capitão d'ella, com o aviso, a João de Mello, natural da mesma villa. Partiu a 16 de Fevereiro do mesmo anno de 1641; e foi tão desgraçado este aviso, que o tomaram os moiros aptes de chegar a Lisboa.

Partida a caravelinha, praticou o capitão maior com os officiaes da camara, que era bem se fizesse corpo de guarda, e mettessem postos para segurança da terra, porque vinha entrando o verão, e poderia o inimigo, quando menos o cuidassem, bater-lhes á porta; e com licença sua se puzeram d'ali por diante, entrando uma companhia cada vinte e quatro horas no corpo da guarda, que era na praça, e d'ali se proviam as estancias necessarias. Isto levou o governador tão a mal, que o tomou por se fazerem contra o castello, em desserviço de seu rei, e logo deprecou á camara por uma carta, a que poz nome de exortatoria, que a intimassem ao capitão maior, e mais capitães da ordenança, em que lhes requeria da parte de sua magestade levantassem logo as ditas guardas; á qual elles responderam as cartas seguintes.

Carta do capitão mór Francisco d'Ornellas para o governador, em resposta do deprecado.

Vossa mercê tem esse castello á sua conta, como eu esta capitania á minha. Sua magestade a tomará a quem não proceder como deve, e castigará como merecem seus procedimentos, quando a tome ou mande tomar. Dos meus mostrarei sempre como foram, e são mui dirigidos a seu serviço, e tudo o supposto n'este precatório, e cargas que n'elle me faz, são obradas com sinistra informação, que em mim não houve nunca ficções, mas verdades puras, como devo a quem sou, e a meus progenitores. As guardas que metto são ás costumadas, communicadas com a camara, e sem innovar postas. Quando Hespanha está tão baralhada com guerras civis (como a todos é notorio), e as armadas de França e Hollanda no mar, urgentissima razão é estarmos com as armas na mão de noite e de dia, pois é certo que nunca as ilhas e partes

ultramarinas estiveram tão arriscadas e expostas a qualquer accommettimento d'estes inimigos de Hespanha, como n'esta occasião presente. E quando para lhe resistir convem estar prestes, e prevenidos, e com as armas nas mãos, me diz vossa mercê desista d'ellas, e que não metta guardas, que são contra esse castello, que dista d'esta villa, em que ellas se mettem, tres leguas! Eu estou certo que tenho procedido bem, como a todos é notorio; e tambem o estou, que succedendo desordens as pagará quem der motivo a ellas. 7 de Março de 1641. O capitão maior da Praia Francisco d'Ornellas da Camara.

Carta dos capitães da ordenança para o dito governador.

Os senhores officiaes da camara, e senhor ouvidor nos fizeram denunciar a que vossa mercê chama exortação, no que parece não tem muita razão, pois sabe muito bem, que os capitães, alferes, e sargentos, e mais officiaes, tem obrigação de seguir e guardar todas as ordens que por seus capitães lhes são ordenadas, ás quaes devem obedecer, como fazemos, e a nós não compete perguntar como as dão e ordenam. Comtudo entendemos, que o respeito porque mandam que haja guardas, e se exercitem armas, sera pelas revoluções que entre os principes christãos ha. Permitta o ceo pôl-os em paz e amizade para que seus vassallos a tenhamos; e protestamos não sermos em desgraça com os ditos, e nós sós, por sermos da portugueza nação, preclara na obediencia e fé rara a seus monarchas. Dote que o Omnipotente Deus em o campo de Ourique lhe deu, dizendo: *et erit mihi regnum sanctificatum fide purum et pietate dilectum*. Esta é a verdade, que não pode ser offuscada por maus fins e fementidos prejuisos, que com sombras e apparencias, querem ter entrada com vossa mercê. Isto é o que respondemos, os capitães, e mais officiaes abaixo assignados. O capitão Melchior Machado de Lemos — O capitão Manuel do Canto Teixeira. — O capitão Manuel do Canto Vieira.

Continua.

O caminho por onde se sobe ao templo dos prazeres, é diverso do outro por onde se desce: aquelle é tapetado de lyrios, jasmims, e rosas: este de espinhos, sarças, e abrolhos.

Se o homem reflectir na ampla vastidão dos depositos de sua memoria; na espantosa reprodução da reminiscencia; nos atrevidos vãos do pensamento: reconhecerá a existencia; e admirará a sabedoria, e grandeza do Creador.

Os direitos, e as obrigações dos homens são como os elos de uma cadêa em forma circular: ligam-se, correspondem-se reciprocamente, sem que um possa evitar o vinculo do outro.



STAFFA, UMA DAS HEBRIDAS.

As Hebridas são um grupo de cerca de cem ilhas no grande Oceano, no occidente da Escocia.

Staffa é uma das suas mais principaes e notavel pela famosa gruta de Fingal, formada ao nível do mar por magnificas columnas basalticas. A violencia das vagas torna inabordavel esta ilha durante alguns mezes do anno.

INSTRUÇÃO.

CURIOSIDADE SOBRE OS MONUMENTOS ANTIGOS.

Nós designamos de ordinario pela palavra *antiguidade* todos os objectos confeccionados pela mão do homem, e de que a origem está, por assim dizer, *perdida na noite dos tempos*. Templos, palacios, estatuas, pinturas, gravuras, em fim todos os objectos da arte primitiva são *antiguidades*. Generalisamos com este substantivo tudo que a arte produziu em tempos que já de ha muito lá vão... Mas os francezes só applicam o nome *antiguidade* referindo-se a architectura. O adjectivo *antigo* serve-lhes então para designarem figuras, gravuras, pinturas, etc. d'esses tempos famosos. Entretanto vamos nós baptisando como até hoje os fructos da arte primitiva e não fazamos questão de palavra — que não vale a pena — nem digamos que a nossa

lingua é pobre, porque no fim de tudo, o que possui realmente o cunho antigo, é sem duvida alguma uma *antiguidade*. Agora o *cunho antigo* é a nossa questão verdadeira, parece que talhámos a lume aquellas palavras! vieram a proposito.

As figuras antigas distinguem-se das modernas, principalmente, pela precisão dos seus contornos em que parece ter sido copiado com escrupulo tudo que a natureza produziu de melhor. Alguns esculptores, porém, tem conseguido contrafazer de tal modo os *modelos antigos* que sobre o exame vacilla o juizo dos mais expertos. Contam-nos que Miguel Angelo tendo feito uma estatua no gosto antigo, e quebrando-lhe um braço que teve o cuidado de guardar, a fizera enterrar em local onde devia proceder-se a uma excavação. Acharam a figura; reuniram-se os entendedores; e feito o exame competente, declarou-se que era *antiga*. Miguel Angelo exulta, desmentindo então os mestrões; e apresenta-lhes o braço da sua bella estatua. Se Miguel Angelo vivesse agora, e copiasse a figura apontada de um dos nossos janotas, ainda que lhe tirasse os dois braços, apostamos que não obteria o mesmo resultado. Logo diziam que era coisa moderna e muito moderna. Entretanto não nos mettemos a decidir se a questão da estatua depõe a favor do famoso esculptor florentino ou contra os juizes do seu tempo.

O *cunho antigo* entende-se até à época da *renascença*. E n'essa época, assim chamada, que se separa distinctamente o caracter antigo do moderno; porém como a transição se não operou de um dia para uma noite, nem de um anno para outro, senão por um periodo de innovações, já felizes já desgraçadas, ha entre a escola antiga e a moderna um intervallo, um entre-acto, uma certa pausa a que se chama — *idade media*. Os productos d'arte, n'esse entre-acto, foram taes que deixaram ainda incompleta a demarcação: porque tomaram um certo caracter que não era o *antigo* nem aquelle que depois se continuou a observar: de sorte que a *idade media* não pode ser ao pé da lettra tomada como um periodo preciso de transição. Constitue quasi uma escola. É necessario porém distinguir o principio da idade media e o seu fim, para entender-se quando o objecto d'arte participa ainda do *cunho antigo*, ou quando já se aproxima do gosto e do estylo da escola moderna. Este ultimo tempo é da escola moderna primitiva.

Foi, por assim dizer, e para dizermos alguma coisa ao certo, quando começaram a multiplicar-se os monumentos christãos, no seculo iv. — época de Constantino — que principiou também o que se chama a *idade media*. O estylo e o gosto da escola *antiga* vacillaram em 1250.

Nos seculos xi xii e principios do xiii os productos d'arte teem ainda o *cunho antigo*, não obstante a mesquinhez e a pobreza da execução, e o abandono dos estudos relativos à correcção e à vida das figuras.

No começo do seculo xv — principio da civilisação e da renascença das lettras na Italia — a arte tomou um caminho independente do estylo e das doutrinas da escola antiga. E, sem todavia adoptar um gosto determinado, já monastica, já florentina, já ultramontana, mais ou menos barbara, assim se foi *coxeando* n'aquelle novo estylo pouco elegante que mereceu de Montabert, para semelhante época, o nome de *nascentça da degradação*. Vieram, é verdade, — diz aquelle judicioso critico — os *Guirlandaios*, os *Verrochios*, os *Peruginos*, e os *Bellinis* que ultrapassaram os seus predecessores em execução, imitação e combinações de gosto: porém que não eram fortes no estylo; e que em lugar de adoptarem o da bella antiguidade, pozeram em voga não sabemos que genero de mau estylo selvagem, ao qual o incontestavel merito da execução em breve deu carta franca no espirito dos romanos. Este novo estylo — se tal nome é possível dar a essa maneira barbara que adoptaram — passando depois por mãos de ignorantes nos paizes do Norte, e soffrendo d'elles muitas mais alterações, degenerou ainda em um outro estylo a que se deu o nome de *gothico*, apesar de não ter a menor referencia aos godos, aos quaes é preciso não attribuir — por simples justiça — o mau gosto de tal architectura.

Ora este novo gosto, que tem emfim um estylo determinado, foi, e é o refugio de todos os artistas pedantes: de sorte que em muitas producções, que foram classificadas de gothiccas, não ha nem estylo, nem gosto; senão um amalgama de idéas imperfeitas; uma execução pouco aprimorada, e certa irregularidade desagradavel, que não é a bella desordem do genio, mas sim o resultado da mesquinhez do artista.

Os monumentos antigos, que depois de terem resistido ao insulto dos seculos, ficaram de pé no centro de tantos imperios aniquilados, brillam ainda hoje soberbos, apregoando nos seus bellos ornatos o nome dos artistas que souberam creal-os.

Na India, no Egypto, na Grecia e na Italia, acham-se magnificas ruinas, em frente das quaes não é possível subtrahir o espirito ás impressões profundas que ellas nos impõem.

Os templos do Egypto estão ainda esmaltados pelas vivissimas côres da pintura; as esculpturas preciosas que também os decoram offerecem ainda hoje a mesma riqueza que n'esses tempos famosos em que foram admirados pela primeira vez. No Indostão e na Persia os monumentos arrogantes deteem como por encanto o viajante, e o obrigam a admiral-os, perdendo-se na profundidade das suas entranhas de pedra. Mas é no antigo solo da Grecia que a architectura e a esculptura apresentam toda a força da sua frescura e belleza.

Os minimos vestigios da arte antiga foram ali recolhidos como verdadeiros thesouros. Porém que é feito das famosas obras dos *Praxite-lo*, dos *Lysipes* e dos *Phidias*? Onde estão escondidas as celebres pinturas d'Apelle e d'Euphranor? Todas essas bellas producções estarão ainda em qualquer lugar desconhecido enterradas, para nos darem algum dia por vir a agradável surpresa de surgirem perante nós?

A Grecia estava ornada com os seus melhores modelos d'arte, quanto o poder romano foi dictar-lhe a lei, avassallal-a, despojal-a sem piedade de todos os seus mais ricos enfeites: e em breve todas essas maravilhas de pintura e d'esculptura, regadas com as lagrimas dos gregos, foram transformadas em tropheos de gloria e de triumpho da barbara e turbulenta Roma.

Athenas, *Coryntho*, e todas as outras cidades nomeadas pela riqueza dos seus quadros e estatuas, em breve também viram roubar á sua veneração esses monumentos de gloria. — Ainda que o luxo de Roma conquistadora não absorveu todas essas riquezas; o que pôde escapar á cubiça dos vencedores e ao fasto insaciavel d'aquella nova *rainha do mundo*, acabou, ou queimado pelo facho da guerra, ou sepultado sob as ruinas d'essas cidades.

Felizmente a terra conservou no seu seio muitos d'esses prodigios do estylo grego; e alguns monumentos que ficaram de pé, proclamaram ainda por muito tempo o gosto aprimorado da arte grega: mas os artistas exilaram-se, e fo-

ram offerecer a Roma o talento que se tinha tornado inutil á sua patria. — Roma tornou-se então qual outra Athenas: era a Roma que devia ir-se para estudar *Phydias* ou *Polycleto*: era n'esta cidade que o cinzel dos estatuarios e o pincel dos pintores achavam meios de se exercitarem. Os gregos captivos, por assim dizer, em Roma, fundaram uma escola, e para lá levaram toda a sua philosophia, sciencias, e documentos preciosos; porém tinham elles lá porventura as corôas perpetuas do Olympo? a gloria nacional que tanto lhes inspirava e exaltava o genio? Assim mesmo algumas obras preciosas ahi lhes saíram das mãos, que não desmereceram da sua antiga celebridade: mas os romanos, que tanto apreciavam os fructos magníficos da arte, não sabiam considerar os artistas: e se a religião não tivesse felizmente enfreado as suas tendencias luxuosas e barbaras; se as suas idéas de nobreza e de sumptuosidade não tivessem sido modificadas, conduzindo-os então, se bem que de mau grado, ao gosto dos modelos simples e magestosos dos gregos; as artes, entre elles, teriam por certo caído em completa degradação. Entretanto, não obstante a influencia dos modelos gregos, tanto a pintura como a esculptura soffreram muito n'aquelle solo estrangeiro; e todos esses innumeraveis monumentos, pelos Cesares prodigalisados em todo o imperio, apesar de offerecerem grandes bellezas, deixam sempre logar á saudade, mesmo nos reinados de Trajano e de Adriano, do seculo famoso de Pericles e d'Alexandre.

No anno 300 da era christã Constantino mudou a séde do seu imperio para Bysancio, e esta cidade, tomando o nome de Constantinopola, tornou-se qual outra Roma. Todos os bellos modelos d'arte roubados outr'ora ás possessões vizinhas d'além mar, foram para lá transportados, e em breve o espolio de Roma abandonada, junto com elles e com todas as outras magnificências da arte grega que tinham escapado ás desordens da guerra, serviram para embellezar e enriquecer a nova residencia d'aquelle imperador: e Constantinopola, que foi o deposito das mais admiradas producções dos grandes artistas gregos, em breve foi tambem o seu tumulo.

Ainda que Constantino e muitos dos seus successores souberam apreciar como deviam as artes, protegendo os artistas, parece que o ceo quiz privar — na sua colera — as gerações futuras d'essas maravilhas, de que apenas hoje restam vestigios.

O zelo dos primeiros christãos proscrescia os idolos; e como não soubessem conciliar o respeito devido ás bellas-artes com o odio que lhes inspirava o paganismo, não houve estatua que não caísse mutilada pelo camartelo religioso. Em diferentes épocas, os principes iconoclastas excitaram por toda a parte tanto desprezo pelas imagens que nos privaram dos mais preciosos modelos de esculptura: e isto assim foi indo até que chegou a grande calamidade final que ani-

quilou o resto de todas essas maravilhas antigas. No anno de 1453 de Jesus Christo, Mahomet apoderando-se de Constantinopola não lhe deixou nem vestigios de todas as preciosidades que encerrava.

Foi tal a destruição que hoje não encontra o viajante n'aquella cidade coisa alguma que lhe possa dar uma idea exacta do que ella foi quando deixou de ser Bysancio. Assim acabaram milhares de estatuas magnificas, pela vida e pela belleza: assim foram pasto das chammas tantas e tão bellas pinturas! Venus, do pincel de Praxitelo; Jupiter Olympico; Helena, Venus, animadas pelos genios fecundos de Apelle e de Zeuxis; todas as obras maravilhosas de Protogenes e de Polycleto: tudo! Entretanto, ficaram em Roma innumeradas obras de segunda ordem, mas assim mesmo estes thesouros secundarios soffreram toda a casta de insultos. Os artistas, perseguidos pelos iconoclastas, perderam o gosto que só a gloria lhes animava. Finalmente, Roma, saqueada, incendiada, e devastada tantas vezes pelos barbaros do Norte, que só deixavam ruinas apoz seus passos, apesar de todas essas desgraças que soffreu, conservou-nos alguns restos em que podemos adivinhar a sua grandeza passada. Roma é hoje a terra classica onde os artistas modernos podem achar vestigios verdadeiros da antiguidade, já n'esses colossos que a guerra em vão affrontou, já nas reliquias preciosas das obras d'esses martyres, que em todos os tempos hão de chamar-se artistas.

Ai, vóá, pensamento na tortura
D'esse teu insano amor
Não esperes um dia ter ventura
Quando tens no peito a dor.

Não olhes infeliz p'ra o teu passado,
Porque te marca o soffrer,
Porque o lembras agora malfadado?
Esquece-o para viver!

Amaste, como ama o poeta ardente,
Como sente uma só vez,
Foi um sonho — coitado! Do presente
Horrido inferno te fez!

II

Foi pois um sonho, que a morte
Nas saudades me deixou,
Era bella aquella sorte,
E por ser bella murchou!
Era uma vida fagueira,
Que sorria prasenteira,
Que brotava lisonjeira
Ao pobre que tanto amou!

Estás já desenganado!
Desfez-se a venda fatal!
Não podeste ser amado?
Chora eterno, o eterno mal.
Era de mais tal ventura
A quem vive na amargura!
A esperança verde e pura
Fez-se um veneno mortal!

Taes affectos não mer'cias,
Eram muito para ti,
Fugiram-me, e as alegrias
Perdi todas triste ali!
Não soltei de dór um grito!
Da ternura fui proscripto
Tamanha como o infinito
Tenho a dór guardada aqui!

Guardei pesares e prantos
No fundo do coração,
E tamanhos, tantos, tantos...
Como é grande a solidão.
Não me sabe d'isto o mundo,
Que não vê nada profundo...
Se me visse gemebundo
Fôra eu alvo da irrisão!

Guardo pois nos seios d'alma
Este segredo infeliz,
Só me reste a triste palma
De calar o que se diz!
Bate as azas pensamento
Nos espaços do tormento,
Corre apoz o sentimento,
Que foi Deus que assim o quiz!

III

Não olhes infeliz p'ra o teu passado
Porque te marca o soffrer,
Não no lembres jámais, ó malfadado
Esquece-o para viver!

1850.

Porque me negas a esp'rança
Quando o teu ardente olhar,
Na minh'alma adormecida
Fez tanto amor acordar?

Era livre e sou captivo,
E bem digo a escravidão,
Porque só hoje é que eu sinto
Que me vive o coração.

Esses teus olhos, querida,
Tem tal incendio de amor,
Que fitando-os senti logo
Da paixão voraz calor.

E rendido, e namorado
Não pude o affecto conter,

E em phrase pobre e sentida
Nada te pude esconder.

Respondeste-me dizendo,
Que te impunha uma traição,
Quando apenas te pedia
Me não disseses tu, não!

Podem acaso haver peias
Para tal amor ardente?
Amores nunca são crimes
Na consciencia de quem sente.

Porque affectos não se impõem
Nem se podem suffocar,
Vindos elles é ceder-lhes
Ninguem n'os pode evitar.

Porque fallas de deveres?
Pois não reparas, não vês
Que ninguem como eu, querida,
De amor se roja a teus pés?

Pois este amor não te abala?
Não te faz nada sentir?
Porque me negas a esp'rança,
Porque me queres fugir?

Queres, esquiva, matar-me?
E' que não tens dó de mim,
Porque não dizes nas fallas,
E nos olhos dizes *sim*!

São receios que eu te esqueça?
Tranquillisa-te, anjo meu,
Amor que tem tanto fogo
Nunca mais arrefeceu!

Da minh'alma a tempestade,
Torna, querida, em bonança.
Podemos ser tão felizes!
Ai! não me negues a esp'rança.

1857.

MENDES LEAL (ANTONIO).

Descripção dos festejos reaes, com as respectivas estampas. Vende-se no armazem de livros do editor, A. J. F. Lopes, rua do Oiro n.º 227 e 228 (antiga numeração). — Preço 200 réis.

Publicou-se o 1.º volume, nitidamente impresso, da obra *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. Pereira da Silva.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.